



De criança para criança: A inclusão e protagonismo de crianças com necessidades especiais na literatura infantil

From child to child: The inclusion and protagonism of children with special needs in children's literature

DOI: 10.56238/isevmjv2n5-031

Recebimento dos originais: 20/10/2023

Aceitação para publicação: 11/11/2023

Alana Silva do Desterro

Graduanda em Fisioterapia Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPar

ORCID: 0000-0002-1788-3108

Lattes: 0402669528656577

E-mail: desterroalana@gmail.com

Heloísa Marques

Doutora em Educação e Desenvolvimento Humano Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPar

ORCID: 0000-0002-1340-0463

Lattes: 5983938584153951

E-mail: hmarques@ufpi.edu.br

RESUMO

Apesar de existirem inúmeros livros ilustrados, crianças que apresentam necessidades especiais em livros e histórias infantis, aparecem apenas como figurantes ou coadjuvantes, sendo o protagonismo mantido com personagens moldados a padrões sociais genéricos. Este artigo relata a experiência de criação de projeto literário de autoria própria, abordando a temática do protagonismo de indivíduos com necessidades especiais na literatura infantil. Para auxiliar na organização e conclusão das etapas foi utilizado um método projetual, de estrutura aberta com possibilidade de incluir ou retirar determinadas etapas, moldando-se de acordo com a diretriz evolutiva do projeto via exploração do processo criativo. Os livros possuem como característica a narração de histórias de crianças que se transformam em super-heróis e superam as suas limitações utilizando os seus superpoderes relacionados a sua condição clínica. Por meio da literatura e suas ilustrações alcançamos o imaginário infantil, no intuito de transmitir ideias, fixar momentos sociais, culturais, e repensar conceitos. Espera-se que a iniciativa da criação desse conteúdo literário promova reconhecimento de habilidades únicas das crianças que têm deficiências e que elas se sintam mais compreendidas e apreciadas ao ler livros que retratam personagens como elas.

Palavras-chave: Livros infantis, Inclusão, Protagonismo, Portador de necessidade especial, Literatura.

1 INTRODUÇÃO

O propósito deste artigo é compartilhar a iniciativa da criação de livros ilustrados que narram histórias inclusivas como abordagem para inclusão e protagonismo de crianças com



necessidades especiais na literatura infantil. Segundo Silva (2016), a literatura encanta o público adulto de forma mais madura, pois o real e o ilusório se misturam em qualquer idade, sendo capaz de transmitir valores humanos, disseminar a cultura e descaracterizar preconceitos. Tais características estão presentes, por exemplo, nas obras de Ruth Rocha, pois a autora tem a capacidade de tratar temas pesados do universo adulto de uma maneira leve. Como exemplo, temos a parábola de Romeu e Julieta que aborda o racismo de uma forma lúdica e simples.

Literatura infantil são os livros que tem a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia a identificação e o interesse da criança. Teve início com as adaptações de histórias folclóricas, onde nascem os contos de fadas, quase nunca voltado a crianças. Grandes colecionadores dessas histórias, foram os irmãos Grimm que tiveram seus contos republicados e adaptados por várias vezes, onde hoje se apresentam demasiadamente modificados (CUNHA, 2003). Pode-se afirmar que a literatura destinada diretamente ao público infantil teve início no séc. XVIII, com publicação da obra Contos da mãe gansa, de Charles Perrault em 1697. Antes disso a criança era tratada como um adulto em miniatura cujo período de imaturidade deveria ser encurtado (SILVA, 2016).

Para ser introduzida no Brasil, a literatura infantil contou com o auxílio de grandes autores, dentre os quais, Monteiro Lobato, que nacionalizou obras como a de Peter Pan, onde a realidade e o imaginário do menino que não quer crescer refletem-se na obra O pica pau amarelo, onde a fantasia e a realidade unem-se de tal forma, que os personagens não conseguem diferenciá-las. Na obra O Pica Pau Amarelo, o escritor lida com dois temas férteis da literatura infantil que são o papel do livro na vida da criança e o desejo de voar, ou seja, conhecer novas terras e viverem novas aventuras. Nas obras do autor já é possível observar-se o papel do ilustrador, pois nas histórias aparecem as personagens sempre retratadas com desenhos (PANTOJA, MIRANDA, GONÇALVES, 2012).

As narrativas contemporâneas que compõem o gênero Literatura Infantil contam, cada vez mais, com recursos de linguagem em que a literariedade extrapola o texto verbal. Desse modo, amplia-se em múltiplos diálogos com a imagem e o projeto gráfico, linguagens que formam tantas produções diversas em materialidades múltiplas, livros de todos os formatos e tamanhos, que, ao acompanharem toda a produção cultural contemporânea, multiplicam suas possibilidades de significação, tornando-se referenciais de reflexão sobre a sociedade, já que, além da materialidade do objeto, também envolvem contextos sociais e culturais diversos, dando condições para a formação de leitores que interagem, compreendem e questionam a realidade que os cerca (SPENGLER, DEBUS, 2018).

No rol de todas essas linguagens diversas, encontramos as imagens das ilustrações dos livros de literatura infantil, que possibilitam ao leitor de estar imerso em contextos de leitura que não seja somente da palavra escrita. Essas imagens, também literárias, adquirem inúmeros modos de significação e representação a partir de quem as lê. Dessa forma, acreditamos que o leitor, na contemporaneidade, deva estar sensibilizado para compreender a importância da experiência estética que essas imagens possibilitam (SPENGLER, DEBUS, 2018).

Os livros ilustrados funcionam de várias maneiras para atender às necessidades básicas de aprendizado das crianças e ajudam as crianças a mergulharem profundamente nas atmosferas clássicas da humanidade para experimentar as emoções dos personagens das histórias. Mais importante ainda, um livro ilustrado sempre abrange um tema específico em torno da moralidade e da filosofia, explícita ou implicitamente. Embora o tema esteja embutido na história, muitas vezes é desdobrado com a narração de uma história para ensinar uma lição às crianças para ajudar a moldar seus pensamentos, personalidade e comportamentos (PRATER 2006; LIAN *et al* 2020). Segundo Cartledge e Kiarie (2001), a forma visual de apresentação por meio de livros ilustrados sobre comportamentos sociais, poderiam ajudar as crianças a dominarem as habilidades sociais rapidamente e se tornar mais empáticas.

Os livros infantojuvenis têm como objetivo desenvolver a fantasia e a imaginação, além da função pedagógica, aprimorando os valores educacionais, conhecimento da língua portuguesa e agilidade na leitura. No Brasil, a maioria das crianças têm seu primeiro contato com o livro na escola, o que reduz as chances dessa criança ser um adulto que tem apreço pela leitura. O primeiro contato com os livros deve acontecer em casa com os pais, apresentando histórias de acordo com a sua faixa etária para que seja atividade agradável de interação entre ambos (VIANA, 2015).

Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) foi um dos primeiros estudiosos a buscar definir mais sistematicamente esse gênero, considerando a questão da faixa etária com pressuposto para a classificação dos livros de literatura infantil. O escritor, sem se ater a critérios então usuais para classificação dos livros escritos para crianças, sob o ponto de vista da psicologia, aponta a faixa etária como fator determinante da destinação da literatura infantil. A divisão sugerida por Lourenço Filho, que segundo ele poderá satisfazer necessidades de ordem prática:

- a) álbuns de gravuras, coordenadas por um só motivo, ou não, com reduzido texto, ou ainda sem texto, para crianças de 4 a 6 anos;
- b) contos de fadas e narrativas simples (fábulas, apólogos) para crianças de 6 a 8 anos;
- c) narrativas de mais longo trecho, para crianças de 8 a 10 anos;
- d) histórias de viagens e aventuras, para crianças de 10 a 12 anos;

e) biografias romaneadas, idem. (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 160)

Jean Piaget incentivava a utilização da faixa etária para determinar o tipo de livro para cada criança, como pode-se verificar no quadro a seguir que foi publicado por Da Silva; Freitas e Bertoletti (2006). Neste quadro, é possível verificar rapidamente as características dos estágios do desenvolvimento, propostos por Piaget, que servem de parâmetro para uma possível aplicação na leitura, também considerada sob a forma de estágio de desenvolvimento. Para Piaget, a criança passa por fase de transição fundamental entre ação e operação, ou seja, entre aquilo que separa a criança do adulto. Aplicada ao desenvolvimento da leitura na criança, pressupõem-se, também, que o leitor passa por fases previamente determinadas (DA SILVA, FREITAS, BERTOLETTI, 2006).

Quadro 1 - Retirado de Filipovsky (1982)

Desenvolvimento cognitivo infanto-juvenil		Desenvolvimento da leitura	
Idade	Estágio de desenvolvimento personalidade	Estágio de desenvolvimento	Tipo de leitura
3 e 6 anos	<i>Pensamento pré-conceitual</i> – Construção dos símbolos. Mentalidade mágica. Indistinção eu/mundo.	<i>Pré-leitura</i> – desenvolvimento da linguagem oral. Percepção e relacionamento entre imagens e palavras: som, ritmo.	Livros de gravuras, rimas infantis, cenas individualizadas.
6 a 8 anos	<i>Pensamento intuitivo</i> – Aquisição de conceitos de espaço, tempo e causa. Ainda mentalidade mágica. Auto-estima. Fantasia como instrumento para compreensão e adaptação ao real.	<i>Leitura compreensiva</i> – textos curtos. Leitura silábica e de palavras. Ilustração necessária: facilita associação entre o que é lido e o pensamento a que o texto remete.	Aventuras no ambiente próximo: família, escola, comunidade, histórias de animais, fantasias, e problemas infantis.
8 a 11 anos	<i>Operações concretas</i> – Pensamentos descentrados da percepção e ação. Capacidade de classificar, enumerar e ordenar.	<i>Leitura interpretativa</i> – desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler e compreender textos curtos e de leitura fácil, com menor dependência da ilustração. Orientação para o mundo. Fantasia.	Contos fantásticos, contos de fadas, folclore, histórias de humor, animismo.
11 a 13 anos	<i>Operações formais</i> – Domínio das estruturas lógicas do pensamento abstrato. Maior orientação para o real. Permanência eventual da fantasia.	<i>Leitura informativa, ou factual</i> – desenvolvimento da leitura. Capacidade de ler textos mais extensos e complexos quanto à idéia, estrutura e linguagem. Introdução à leitura crítica.	Aventuras sensacionalistas: detetives, fantasmas, ficção científica, temas da atualidade, história de amor.
13 a 15 anos	<i>Operações formais</i> – Descoberta do mundo interior. Formação de juízos de valor.	<i>Leitura crítica</i> – capacidade de assimilar idéias, confrontá-las com sua própria experiência e reelaborá-las em confronto com material de leitura.	Aventuras intelectualizadas, narrativas de viagens, conflitos psicológicos, conflitos sociais, crônicas, contos.



Segundo De Paula (2018) a produção literária para crianças tem se expandido. Livros de tamanhos diferentes, cores, desenhos, figuras, materiais etc. são comercializados e alguns distribuídos em escolas e instituições. As temáticas das histórias são diversificadas e procuram atender a várias idades epúblicos. O mercado editorial atende a múltiplos setores e busca produzir livros que retratem a condição das crianças em tratamento de saúde. Esses livros são escritos, em sua maioria, por adultos e possuem um caráter otimista, de incentivo ao enfrentamento a situações adversas. Esses temas estão começando a ser tratados na literatura infantil, mas ainda são insuficientes para atender a demanda de crianças e patologias. Ainda há um longo caminho a percorrer.

A ideia da criação dos livros surgiu vivenciando o projeto de extensão “Entre Estímulos e Afetos” vinculado a Universidade Federal do Delta do Parnaíba-UFDPar, que tem contribuído para a formação profissional dos acadêmicos, por meio de práticas elaboradas que interligam o meio acadêmico com a demanda da comunidade, particularmente das crianças atendidas em diversos serviços de Fisioterapia na cidade e região. Durante os atendimentos, os acadêmicos de fisioterapia trabalham com atividades lúdicas, incluindo a leitura de histórias infantis, para manter a atenção das crianças e dar prosseguimento ao tratamento com elas. Com isso, surgiu o questionamento de que não há livros que contam histórias de crianças com necessidades especiais, quando elas aparecem são como coadjuvantes, nunca como personagem principal.

O lúdico não está apenas presente no ato de brincar, mas também no ato de ler, no apropriar-se da leitura como forma natural de descobrimento e compreensão do mundo. Atividades de expressão lúdica - criativas atraem a atenção das crianças e podem se constituir em um mecanismo de potenciação de aprendizagem. Atividades lúdicas favorecem o desenvolvimento motor e psicomotor das crianças em suas atividades (SALOMÃO, MARTINI, JORDÃO, 2007).

Apesar de existirem inúmeros livros ilustrados, não se encontra protagonismo de crianças que apresentam necessidades especiais em livros e histórias infantis, elas aparecem apenas como figurantes ou coadjuvantes. É importante ressaltar que a criação de histórias infantis com protagonismo de crianças com deficiência pode ser uma maneira poderosa de ajudar a diminuir o preconceito e promover a inclusão.

Este artigo relata a experiência de criação de projeto literário de autoria própria, abordando a temática do protagonismo de indivíduos com necessidades especiais na literatura infantil. O projeto literário busca passar informações através de uma linguagem infantil e lúdica, suprimindo a falta de conhecimento sobre o tema auxiliando na construção da identidade inclusiva



em meio ao ambiente infantil.

2 METODOLOGIA

Para auxiliar na organização e conclusão das etapas foi utilizado um método projetual, de estrutura aberta com possibilidade de incluir ou retirar determinadas etapas, sendo necessário em alguns casos, moldando-se de acordo com a diretriz evolutiva do projeto via exploração do processo criativo.

No momento de pré-concepção foi realizado um estudo aprofundado dos temas abordados no projeto, sendo eles: patologias com maior demanda na área de pediatria, livro infantil e seus processos de criação e ilustração, além das análises de similares e painéis semânticos sobre ambos os temas. Após ter conhecimento sobre o tema e ter os requisitos do projeto, é nessa etapa de concepção que serão elaboradas as alternativas, visando diferentes propostas a solucionar as indagações ao redor de nosso objetivo proposto inicialmente.

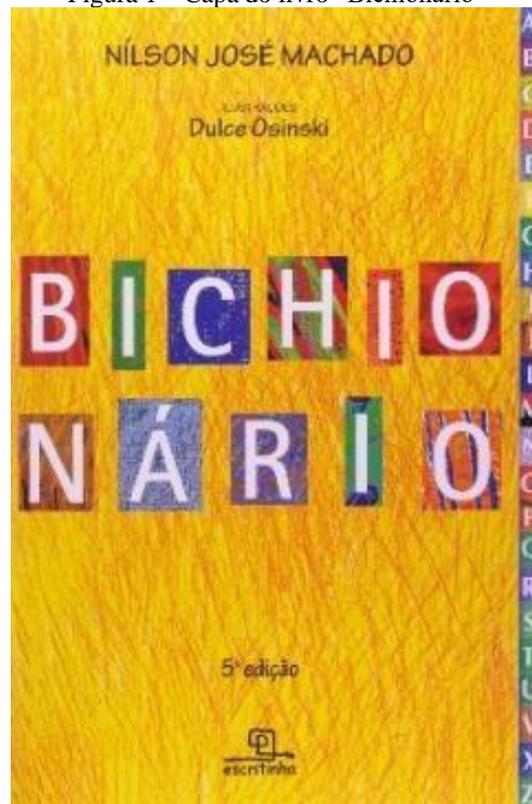
Com o intuito de atender à demanda do projeto, no período de pré-concepção foi realizado uma breve pesquisa abordando o conteúdo de inclusão, ilustração, ensino infantil e livro ilustrado, o qual desdobra-se em tópicos específicos. Deste modo, entende-se a falta de entendimento sobre o real significado do termo inclusão nos dias atuais. Com o intuito de expor a ausência do protagonismo de crianças com necessidades especiais nas ciências, letras e artes, e em diversos outros campos onde as estas crianças deveriam estar inseridas, contudo estas ausências pontuam as desigualdades e opressões que vivem em torno do “ser especial”.

No período pós-concepção que foi analisado o processo produtivo e os três componentes, sendo este o resultado final para considerar a possibilidade de elaboração do produto em escala de tamanho real, junto ao seu desenho técnico e apresentação aos pares.

Para começar a produção do material literário, é necessário entender a complexidade dos elementos que compõem a literatura infantil. Os livros infantis são compostos por diferentes estruturas: número de páginas, formas de ilustração, formatação do texto ou elemento de destaque. Essas características vão variar de acordo com a idade do público a qual se destina, seguindo a classificação conforme a faixa etária do leitor.

A primeira classificação é de pré-leitor ou livro imagem, é composta na maior parte por imagens, não necessariamente possui um texto, apresenta um formato de pequeno porte, pois tem como objetivo o manuseio por uma criança.

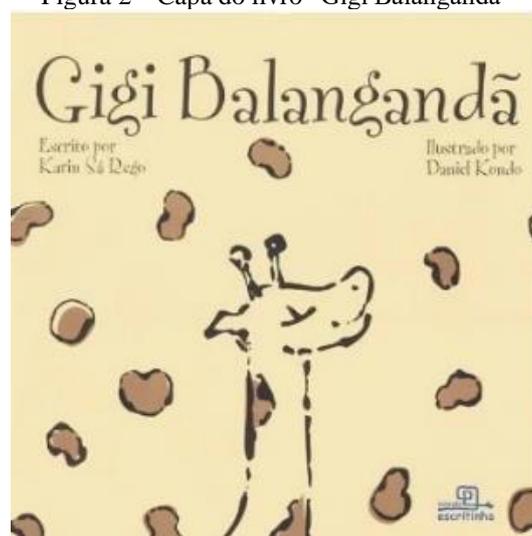
Figura 1 – Capa do livro “Bichionário”



Fonte: <https://universodoslivros.com.br/pre-leitor-2-5-anos/>

A segunda categoria é do leitor iniciante, composta por crianças que estão no início da leitura sem auxílio de outra pessoa, leitores de seis a oito anos de idade. O humor e as imagens são fundamentais, além da ação e diálogos simples para o auxílio do entendimento.

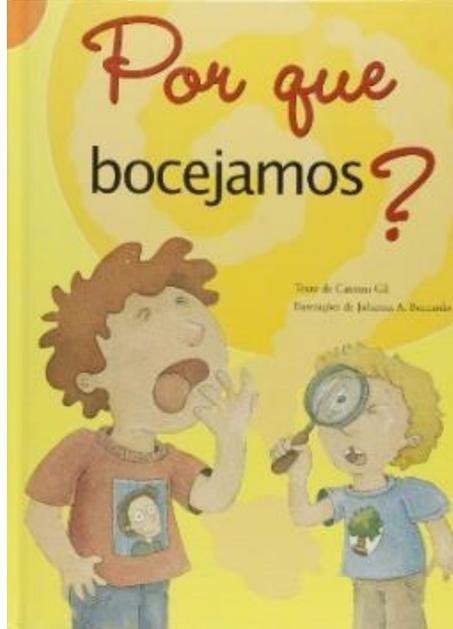
Figura 2 – Capa do livro “Gigi Balangandã”



Fonte: <https://universodoslivros.com.br/leitor-iniciante-6-7-anos/>

A terceira categoria é o leitor em processo, com maior complexidade de informações e discussões sobre os temas abordados.

Figura 3 – Capa do livro “Por que bocejamos?”



Fonte: <https://universodoslivros.com.br/leitor-em-processo-8-9-anos/>

A estrutura dos livros segue uma arquitetura específica, formada por dois grupos de elementos sendo os materiais e os textuais, ambos têm em sua composição os seguintes itens: capa, página de guarda, falsa página de rosto, página de rosto, dedicatória, prefácio, introdução, miolo, índice, colofão, errata, sobre capa, aba, cinta, lombada, dobra e corte inferior e superior.

Para determinar a importância de cada elemento em um livro, é preciso ter conhecimento de seus componentes e estruturas como:

- a) **Formato:** Proporção atribuída ao livro, determina os aspectos visuais, sua configuração muda de acordo com a finalidade do livro;
- b) **Espessura:** Quantidade de páginas, deve ser relativo à altura do livro, e ter adequação às dimensões gerais para um bom manuseio;
- c) **Papel:** Pode estar presente em diferentes texturas e gramaturas, tem como proposta ser resistente e opaco, evitando transparecer a imagem ao verso;
- d) **Tipografia:** Pode estar presente em diferentes formatos e estilos em coerência temática do livro. Seu tamanho, espaçamento e linhas devem estar esteticamente legíveis;
- e) **Paginação:** Presente em diferentes desenhos e simetrias. É necessário haver margens que possibilitem o posicionamento dos dedos do leitor sem interferência nos textos, e a encadernação;

f) **Encadernação:** Administra os elementos, tornando o conteúdo durável.

A partir da pesquisa de campo para busca e análise de similares em bases de dados, buscas em bibliotecas *online* e estudo dos desenhos animados atuais transmitidos em canais abertos e fechados, é possível encontrar materiais de cunho social, voltado a crianças e adolescentes, abordando diferentes temáticas, como gênero, sexualidade, etnia, contudo sem referenciais constantes a respeito da inclusão de portadores de necessidades especiais como protagonistas de histórias infantis.

O processo de concepção e registro de ideias foi desenvolvido em encontros e comentários dos membros do projeto de extensão Estímulos e Afetos, sendo delineados progressivamente os personagens principais, auxiliares, conflito e desfecho da história. Foi desenvolvida a partir deste momento a etapa do desenvolvimento das características físicas e psicológicas dos personagens.

Quadro 2 - Produzido pela autora principal.



3 RESULTADOS

Os livros possuem como característica a narração de histórias de crianças que se transformam em super-heróis e superam as suas limitações utilizando os seus superpoderes relacionados a sua condição clínica. São voltados para o público infantil na faixa etária de 6 a 8 anos e foram desenvolvidos de acordo com as particularidades para atender as necessidades desse público-alvo.

A escolha dos personagens principais foi feita de acordo com as deficiências e transtorno de maior incidência. Inicialmente, de forma randomizada, definiu-se que dois personagens seriam



do sexo masculino e umado sexo feminino, assim como, suas características físicas. A história de cada personagem foi escrita individualmente e será disponibilizada em três livros ilustrados, com oito páginas cada um, nos formatos digital e impresso. Os personagens são crianças com Encefalopatia Crônica Infantil e a capacidade decriar super estratégias, Síndrome de Down e o seu superpoder de fazer com quetodas as pessoas que o encontram se sintam amadas e acolhidas, Transtorno do Espectro Autista (TEA) com a capacidade de compreender e solucionar problemas complexos em uma fração de segundos.

Após as pesquisas dos materiais de apoio e leituras de livros infantis, as histórias foram escritas de acordo com as referências utilizadas e criatividade das autoras. Alguns aspectos principais para a criação foram: incluir personagens da mesma faixa etária que o público-alvo e de ambos os sexos; reproduzir as mesmas características físicas das crianças selecionadas; escrita de forma adequada ao público infantil e histórias que permitem uma aventura repleta de imaginação.

3.1 CRIAÇÃO DOS PERSONAGENS

- **Arthur**

Característica: Encefalopatia Crônica Infantil

Passatempo: desenhar;

Qualidades: é uma criança calma e curiosa;

Aparência: tem cabelo cacheado e pele negra.

- **Luna**

Característica: Síndrome de Down;

Passatempo: brincar no parque;

Qualidades: é uma criança gentil e comunicativa; Aparência:

tem cabelo liso e pele branca.

- **Pedro**

Característica: Transtorno do Espectro Autista; Passatempo:

montar quebra-cabeça;

Qualidades: é uma criança inteligente e observadora; Aparência:

tem cabelo ondulado e pele branca.



3.2 CRIAÇÃO DAS HISTÓRIAS

- **LIVRO 1:**

“Arthur, o estrategista”: Arthur, um garotinho de 6 anos, com Encefalopatia Crônica Infantil é uma criança muito feliz e cheia de energia. Ele é esperto e curioso, gosta de planejar e organizar tudo que faz. Um certo dia, enquanto desenhava, começou a pensar e planejar como poderia realizar suas tarefas diárias de forma mais acessível, colocou em prática e se tornou mais independente. Ele descobriu que essa sua capacidade era um superpoder e que poderia ajudar outras pessoas a superarem as suas limitações físicas, assim como ele conseguiu. Arthur passou a proporcionar acessibilidade e inclusão na sua cidade e por todos os lugares que passava.

- **LIVRO 2:**

“O amor de Luna”: Luna, uma garotinha de 7 anos, nasceu com Síndrome de Down, seus pais perceberam que ela tinha um brilho especial e um jeito único de ser pois sempre foi muito carinhosa. Um dia, enquanto brincava no parque, avistou uma senhora que estava triste e sozinha. Ela se aproximou dela e começou a conversar, contou sobre suas brincadeiras e brinquedos favoritos. A senhora, aos poucos, foi ficando mais feliz e até começou a sorrir e brincar com ela. Depois daquele dia, Luna descobriu que tinha um superpoder, conseguia fazer com que as pessoas que encontrava se sentissem amadas e acolhidas e começou a espalhar sua doçura e alegria por onde passava.

- **LIVRO 3:**

“Pedro, o pequeno gênio”: Pedro, um garotinho de 8 anos, possui Transtorno do Espectro Autista, ele é muito inteligente e observador. Gosta de quebra-cabeça e jogos de lógica. Um dia, enquanto estava brincando na praça, encontrou um rapaz que estava tentando resolver uma atividade de matemática da escola e não estava conseguindo. Ele pediu para olhar as questões e encontrou a solução em poucos segundos. O rapaz ficou surpreso com a capacidade do garotinho de resolver questões tão difíceis mesmo sendo tão pequeno. Pedro descobriu que tinha um superpoder de entender e solucionar problemas tão complexos em segundos. As pessoas começaram a procurar ele em busca de ajuda e ficou conhecido como “o pequeno gênio” da sua cidade.

4 DISCUSSÃO

A partir da linha de pensamento da autora, é possível salientar a importância dos questionamentos a respeito dos padrões sociais vividos atualmente, e realizar reivindicações com representação de minorias, de modo a potencializar e representar grupos oprimidos ou

esquecidos. Limitar o corpo humano a ser apenas uma estrutura biológica, que permite transitar ou ser um objetivo de cunho estético, é a chave para argumentos equivocados e a não compreensão dos reais fatores que constroem um corpo. No momento em que somos educados ou impostos a um novo contexto social, o conhecimento sobre o “ser especial” sofre alterações, e mudamos o comportamento para encaixar em um determinado ambiente ou ciclo de pessoas indivíduos com diferenças, sejam estas na forma de se expressar na fala, ou postura corporal e seu comportamento motor.

Monteiro (1998), pauta-se em Vygotsky ao afirmar que: desde os primeiros anos de vida a criança que apresenta uma deficiência ocupa uma certa posição social especial, e as suas relações com o mundo começam a transcorrer de maneira diferente das que envolvem as crianças típicas. Junto com as características biológicas (núcleo primário da deficiência), começa a construir-se um núcleo secundário, formado pelas relações sociais. As interações que constituem o núcleo secundário são responsáveis pelo desenvolvimento das funções especificamente humanas e surgem das transformações das funções elementares (biológicas). Isso é possível porque a criança interage com um mundo mediado por signos e vai transformando as relações interpsicológicas em intrapsicológicas. Portanto, a consciência e as funções superiores se originam na relação com os objetos e com as pessoas nas condições objetivas com a vida.

Desta forma, é possível perceber a pressão psicológica sofrida por uma criança ou adolescente no período de construção de sua identidade, quando pareado de regras em ambientes de convívio coletivo, sendo forçado a seguir um padrão de comportamento, caso não se enquadre, torna-se um corpo invisível aos demais. Ainda se torna necessário afirmar que os valores pessoais, sociais e pedagógicos, realiza a moldagem como estipulada para um modo de ser, onde as crianças, em determinadas ocasiões durante a infância, serão tratadas como seres inexistentes.

A sociedade existente cria e recria conceitos que definem o sujeito ideal tanto no que se refere ao seu aspecto físico como ao seu comportamento, de acordo com padrões de cada época. Mesmo na atualidade, sendo comum afirmar que as diferenças são valorizadas, percebe-se que, embora disfarçado, ocorrem ainda pré-conceitos quando se fala de crianças com necessidades especiais. É pouco difundido o conhecimento de que interações educacionais adequadas, desde os primeiros meses de vida favorecem o desenvolvimento da criança, apresente ela alguma deficiência, alto risco ou tenha um desenvolvimento considerado normal (PIECZKOWSKI, DE LIMA, RUHOFT, 2006).

A partir do momento em que a criança não cumpre os requisitos esperados, e apresenta um pensamento ou expressão diferente dos outros membros, deixa de ser aceito, e torna-se um



corpo invisível. Dito isso, é necessário repensar uma maneira de conscientizar crianças e sociedade jovens que apresentem um comportamento considerado diferente desse contexto social, e buscar um método para fazê-la perceber que sua diferença não é sinônimo de anormalidade ou fraqueza. A literatura infantil é indispensável no processo de inclusão pois auxilia as crianças a entenderem, em uma linguagem específica, que elas têm características próprias, únicas e que isso não deve ser visto como um problema.

Por meio da literatura e suas ilustrações alcançamos o imaginário infantil, no intuito de transmitir ideias, fixar momentos sociais, culturais, e repensar conceitos. As ilustrações instigam a imaginação fazendo a criança conectar-se com seus momentos e suas individualidades. Os livros ilustrados durante a infância possuem inúmeras funções, seja para referenciar um momento, seja explicar conteúdos, tornando-se um material educativo muitas vezes negados em outros ambientes, abordando o assunto da inclusão e fazendo-a conhecida via interpretação visual. A ilustração e a arte de ilustrar se diferenciam da linguagem da pintura, uma vez que as imagens se inclinam mais facilmente às verbalizações mentais constituídas pela tendência humana para dar significado àquilo que vemos por meio de uma sequência de imagens.

De acordo com Abramovich (2005), contar histórias é uma atividade privilegiada para transmitir conhecimentos e valores humanos. É uma ação simples, mas tem um grande poder na formação da criança. O ato de contar histórias, desperta emoções como a alegria, a tristeza, a insegurança, o medo, a tranquilidade e vários outros sentimentos que as narrativas podem provocar. Quando a criança ouve uma história ela vê e sente com os olhos do imaginário, nessa experiência pode descobrir um mundo cheio de conflitos e impasses, que todos vivemos. Como os personagens das histórias infantis, os pequenos leitores também vão encontrar um jeito próprio de resolver seus problemas, conflitos e dificuldades.

5 CONCLUSÃO

Espera-se que a iniciativa da criação desse conteúdo literário promova reconhecimento de habilidades únicas das crianças que têm deficiências e que elas se sintam mais compreendidas e apreciadas ao ler livros que retratam personagens como elas. Ao longo da escrita foi necessário realizar observações, como o cuidado com a criação dos personagens e suas características. Respeitando as necessidades físicas e psicológicas das crianças, faz-se necessário trabalhar aspectos sociais e intelectuais. Os livros têm como objetivo contribuir com a imaginação da criança, ajudar a encarar a realidade e desenvolver as suas habilidades.



Pode-se afirmar que a criação de livros infantis para crianças com necessidades especiais é um passo importante para criar uma sociedade mais inclusiva e igualitária. A literatura infantil que atende a estas necessidades não só expande as oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, mas também promove a compreensão e a aceitação. Ao reconhecer as necessidades individuais e as diferentes formas como conhecemos o mundo, os criadores de livros infantis podem incentivar a empatia e apoiar a diversidade.



REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: Gostosuras e bobices. Editora Scione, 2005.
- CARTLEDGE, Gwendolyn; KIARIE, Mary W. Through literature for children and adolescents. Teaching exceptional children, v. 34, n. 2, p. 40-47, 2001.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura infantil: teoria & prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- DA SILVA, Elaine Aparecida Rodrigues; DE FREITAS, Lucinéia Silva; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. A questão da faixa etária na literatura infantil. Anais do sciencult, [S. l.], v. 1, n. 1, 2016.
- DE PAULA, E. M. A. T.; DAVINA, L. C. G. C. T. Literatura infantil para crianças enfermas: contribuições na formação de professores. Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 29, n. 3, 2018.
- LIAN, Fuxin; ZHANG, Zhenzhen; MA, Weina; *et al.* Improving typically developing children's acceptance toward children with autism via teaching with picture books. International journal of developmental disabilities, v. 68, n. 3, p. 354-364, 2020.
- LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, n. 3, v. 7, p. 146-169, 1943.
- MONTEIRO, Mariângela da Silva. A educação especial na perspectiva de Vigotsky. In: FREITAS, Maria Tereza de Assunção (Org.). Vygotsky: um século depois. Juiz de Fora: EDUFJF, 1998.
- PANTOJA, Fernando Ferreira; MIRANDA, Josciléia Barbosa; GONÇALVES, Shirlene dos Santos. A ilustração dos livros infantis: um recurso essencial na formação do leitor. 2012.
- PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro; DE LIMA, Abegair Farias; RUHOFT, Tatiane. Estimulação Essencial em crianças com necessidades especiais de zero a três anos. Revista Educação Especial, p. 101-118, 2006.
- PRATER, Mary Anne; DYCHES, Tina Taylor; JOHNSTUN, Marissa. Teaching students about learning disabilities through children's literature. Intervention in school and clinic, v. 42, n. 1, p. 14-24, 2006.
- SALOMÃO, Hérica Aparecida Souza; MARTINI, Marilaine; JORDÃO, Ana Paula Martinez. A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado. Portal de psicologia, 2007.
- SILVA, Josefa de Lourdes Pinto da. Literatura infantil: o desenvolver da aprendizagem em crianças na Escola Anayde Beiriz. Universidade Federal da Paraíba, [S. l.], p. 13-15, nov. 2016.
- SPENGLER, Maria Laura Pozzobon; DEBUS, Eliana Santana Dias. Os livros de imagens para crianças pequenas: um olhar sobre o acervo do PNBE para a educação infantil. Perspectiva, v. 36, n. 1, p. 72-93, 2018.



VIANA, Lais; GRADUANDO, Gnecco. BICHINHO, UM LIVRO PARA LER E SENTIR: Design Gráfico destinado às crianças deficientes visuais. ARTIGO CIENTÍFICO, 2015.